



# O niilismo europeu<sup>1</sup>

**Tradução: Clademir Araldi**

---

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professor associado da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), Pelotas, RS - Brasil, e-mail: [clademir.araldi@gmail.com](mailto:clademir.araldi@gmail.com)

Lenzer Heide, 10 de junho de 1887.

## 1.

Que *vantagens* oferecia a hipótese moral cristã?

- 1) Ela conferiu ao homem um *valor* absoluto, em oposição à sua pequenez e casualidade na corrente do devir e do perecer.

---

<sup>1</sup> Edições utilizadas: NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari. Berlim/New York: de Gruyter, 1988. 15 v. NIETZSCHE, F. W. *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen (eKGWB)*. Organizada por Paolo D'Iorio e publicada pela Nietzsche Source. Edição eletrônica: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>.

- 2) Ela servia aos advogados de Deus, na medida em que deixava ao mundo, apesar do sofrimento e do mal, o caráter de *perfeição* – incluindo essa “liberdade” – o mal aparecia pleno de *sentido*.
- 3) Ela estabeleceu no homem um *saber* sobre valores absolutos e concedeu-lhe assim um *conhecimento adequado*.

Ela impediu que o homem se desprezasse enquanto homem, que ele tomasse partido contra a vida, que ele desesperasse do conhecimento: ela era um *meio de conservação* – *in summa*: a moral era o grande *antídoto* contra o *niilismo* prático e teórico.

## 2.

Mas entre as forças que a moral fomentou estava a *veracidade*: *esta* se volta por fim contra a moral, descobre sua *teleologia*, sua consideração *interessada* – e agora o *conhecimento* dessa longa e encarnada mentira, de que se desespera por libertar-se, atua justamente como estimulante. Ao *niilismo*. Constatamos agora em nós a existência de necessidades, implantadas pela longa interpretação moral, que aparecem como necessidades do não verdadeiro; por outro lado, dessas mesmas necessidades parece depender o valor, por meio do qual suportamos viver. Deste antagonismo entre *não* estimar o que conhecemos e *não poder* mais estimar, aquilo de que gostaríamos de nos iludir – resulta um processo de dissolução.

## 3.

De fato, não temos mais tanta necessidade de um antídoto contra o *primeiro* *niilismo*: a vida não é mais tão incerta, casual, absurda, em nossa Europa. Essa enorme *potenciação* do *valor* do homem, do valor do mal etc. hoje não é mais tão necessária, nós suportamos uma *redução* significativa desse valor, podemos admitir muito absurdo e acaso: o *poder* atingido pelo homem permite agora uma *redução* dos meios disciplinadores, dos quais a interpretação moral era o mais forte. “Deus” é uma hipótese demasiado extrema.

---

#### 4.

Posições extremas não são alternadas por posições moderadas, mas de novo por extremas, porém *inversas*. E assim a crença na absoluta imoralidade da natureza, na ausência de finalidade e de sentido, é o *afeto* psicologicamente necessário, quando a crença em Deus e numa ordenação essencialmente moral não pode mais ser sustentada. O niilismo aparece agora, *não* porque o desprazer pela existência fosse maior do que anteriormente, mas porque em geral o homem tornou-se desconfiado em relação a um “sentido” no mal, e mesmo na existência. *Uma* interpretação sucumbiu; mas porque ela valia como *a* interpretação, parece como se não houvesse nenhum sentido na existência, como se tudo fosse *em vão*.

#### 5.

Ainda resta demonstrar que esse “em vão!” é o caráter de nosso niilismo atual. A desconfiança acerca de nossas avaliações anteriores intensifica-se até a questão: “não são todos os “valores” engodos com os quais se prolonga a comédia, sem contudo aproximar-se de um desenlace?” *A duração*, com um “em vão”, sem alvo e finalidade, é o pensamento *mais paralisante*, sobretudo quando se compreende que se é alvo de escárnio e no entanto se é impotente para não se deixar escarnecer.

#### 6.

Pensemos esse pensamento em sua forma mais terrível: a existência, assim como ela é, sem sentido nem objetivo, mas inevitavelmente retornando, sem um final no nada: “o eterno retorno”.

Esta é a forma mais extrema do niilismo: o nada (o “sem sentido”), eternamente!

Forma europeia do budismo: a energia da matéria<sup>2</sup> e da força *coage* a uma tal crença. É a *mais científica* de todas as hipóteses possíveis. Negamos objetivos finais: se a existência tivesse um, ele deveria ter sido atingido.

---

<sup>2</sup> Conforme consta na edição eKGBW (*des Stoffes*). Na edição Colli/Montinari (KSA 12, FP de 1886 5(71) 6, p. 213) consta “*des Wissens*”: “do saber”.

## 7.

Compreende-se assim que aqui se visa uma oposição ao panteísmo: pois “tudo perfeito, divino, eterno” coage *do mesmo modo a uma crença no “eterno retorno”*. Pergunta: com a moral não se torna impossível também esta posição afirmativa panteísta de todas as coisas? No fundo, apenas o Deus moral foi superado. Tem algum sentido pensar um deus para além “de bem e mal”? Seria possível um panteísmo *nesse* sentido? Eliminamos a representação de fim do processo e afirmamos, *apesar disso*, o processo? – Esse seria o caso, se algo no interior desse processo fosse *atingido*, a cada um de seus momentos – e sempre o mesmo.

Espinosa conseguiu uma tal posição afirmativa, na medida em que cada momento possui uma necessidade *lógica*: e ele triunfou com seu instinto fundamental lógico sobre uma *tal* constituição do mundo.

## 8.

Mas seu caso é apenas um caso singular. *Cada traço característico fundamental*, que subjaz a *cada* acontecimento, que se expressa em cada acontecimento, se fosse sentido por um indivíduo como *seu* traço característico fundamental, deveria impelir esse indivíduo a aprovar triunfalmente cada instante da existência universal. Tratar-se-ia justamente de sentir em si como bom e valioso esse traço característico fundamental, com prazer.

## 9.

Ora, foi a *moral* que protegeu a vida do desespero e do salto no nada nesses homens e classes violentados e oprimidos por *homens*: pois é a impotência perante homens, *não* a impotência diante da natureza, que produz o amargor mais desesperado contra a existência. A moral tratou os possuidores de poder, os violentadores, os “senhores” em geral, como inimigos, contra os quais o homem comum tem de ser protegido, isto é, *primeiramente encorajado, fortalecido*. Por conseguinte, a moral ensinou a *odiar* e a *desprezar* mais profundamente aquilo que é o traço característico fundamental dos dominadores: *sua vontade de poder*.

Suprimir, negar, corromper essa moral: seria munir o impulso mais odiado com uma sensação e valoração *inversas*. Se o sofredor, oprimido *perdesse a crença* de ter um *direito* a desprezar a vontade de poder, ele entraria no estágio do desespero sem esperança. Esse seria o caso, se esse traço fosse essencial à vida, se se constatasse que mesmo naquela “vontade de moral” somente essa “vontade de poder” está encoberta, que também aquele ódio e desprezo é ainda uma vontade de poder. O oprimido veria que ele está *no mesmo solo* e que ele não possui nenhum *privilégio*, nenhuma *posição superior* em relação a seu opressor.

## 10.

Antes o *inverso!* Não há nada na vida que tenha valor, exceto o grau de poder – suposto, justamente, que a vida seja vontade de poder. A moral protegeu do niilismo os *malogrados*, ao atribuir a *cada um* um valor infinito, um valor metafísico, e ao incluí-lo numa ordenação, que não concordava mais com o poder e com a hierarquia do mundo: ela ensinou a resignação, a humildade etc. *Supondo que a crença nessa moral sucumbe*, os malogrados não teriam mais seu consolo – e *sucumbiriam*.

## 11.

O *sucumbir* apresenta-se como um *fazer-se-sucumbir*, como uma seleção instintiva daquilo que *necessariamente destrói*. *Sintomas* dessa autodestruição dos malogrados: a autoviviseção, o envenenamento, a embriaguez, o romantismo, sobretudo a urgência instintiva de ações, por meio das quais se faz dos poderosos *inimigos mortais* (– como que criando seus próprios carrascos), a *vontade de destruição* como vontade de um instinto ainda mais profundo, do instinto de autodestruição, da *vontade de nada*.

## 12.

Niilismo como sintoma de que os malogrados não têm mais nenhum consolo: de que eles destroem para serem destruídos, de que, desligados

da moral, não têm nenhuma razão mais para “resignar-se” – de que eles se colocam no mesmo terreno do princípio oposto e também, de sua parte, *querem poder*, na medida em que constroem os poderosos a serem seus carrascos. Essa é a forma europeia do budismo, o *fazer-não*, depois que toda a existência perdeu seu “sentido”.

### 13.

A “penúria” não se tornou maior; ao contrário! “Deus, moral, resignação” eram remédios para níveis terrivelmente profundos da miséria: o *niilismo ativo* surge em condições relativamente bem mais favoráveis. Já o fato de a moral ser percebida como superada pressupõe um grau considerável de cultura espiritual; esta, por sua vez, um bem-estar relativo. Uma certa fadiga espiritual, que chegou ao ceticismo desesperançado *contra* os filósofos<sup>3</sup> através da longa luta de opiniões filosóficas, caracteriza também o nível de modo algum *inferior* desses niilistas. Pense-se na situação em que Buda surgiu. A doutrina do eterno retorno teria pressuposições *eruditas* (como o mestre<sup>4</sup> Buda as possuía, por exemplo, o conceito de causalidade etc.).

### 14.

Que significa hoje “malgrado”? Sobretudo *fisiologicamente*: não mais politicamente. A espécie *mais doente* de homem na Europa (em todas as classes) é o solo para esse niilismo: ela sentirá a crença no eterno retorno como uma *maldição*, sendo que o que por ela for atingido não mais recua diante de qualquer ação: não extinguir-se passivamente, mas *fazer* extinguir tudo o que é sem sentido e sem objetivo em tal grau: embora haja somente uma convulsão, um furor cego na compreensão de que tudo ali estava desde eternidades – inclusive este momento de niilismo e prazer de destruição. O **valor** *dessa crise* é que ela *purifica*, que ela concentra os elementos aparentados

<sup>3</sup> Como consta na edição eKGWB (*Philosophen*). Na edição Colli/Montinari (KSA 12, FP de 1886/1887 5(71) 13, p. 216) consta “*Philosophie*”: “filosofia”.

<sup>4</sup> Correção feita na edição eKGWB (*der Lehrer Buddha...*). Na edição Colli/Montinari (KSA 12, FP de 1886/1887 5(71) 13, p. 216) consta “*die Lehre Buddha's...*”: “a doutrina de Buda”.

---

e os faz arruinarem-se uns aos outros, que ela aponta tarefas comuns aos homens de modos de pensar opostos – trazendo à luz, entre eles, os mais fracos e mais inseguros, e assim dá o impulso *para uma hierarquização das forças*, da perspectiva da saúde: reconhecendo os que comandam como os que comandam, os que obedecem como os que obedecem. Naturalmente, fora de todas as ordenações sociais existentes.

### 15.

Quais são os que se revelarão os *mais fortes*? Os mais comedidos, os que não têm *necessidade* de artigos de fé extremos, os que não apenas admitem mas amam uma boa porção de acaso e absurdo, os que podem pensar o homem com uma redução significativa de seu valor, sem se tornarem com isso pequenos e fracos: os mais ricos de saúde, que estão à altura da maioria das desgraças e por isso não temem as desgraças – homens que *estão seguros de seu poder*, e que representam com orgulho consciente a força *atingida* pelo homem.

### 16.

Como um tal homem pensaria no eterno retorno?

Recebido: 15/07/2012

*Received:* 07/15/2012

Aprovado: 08/05/2012

*Approved:* 05/08/2012